

Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas

Vol. 10



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA



Equipe Editorial

Abas Rezaey

Izabel Ferreira de Miranda

Ana Maria Brandão

Leides Barroso Azevedo Moura

Fernado Ribeiro Bessa

Luiz Fernando Bessa

Filipe Lins dos Santos

Manuel Carlos Silva

Flor de María Sánchez Aguirre

Renísia Cristina Garcia Filice

Isabel Menacho Vargas

Rosana Boullosa

Projeto Gráfico, editoração e capa

Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma

Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E82 Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas - volume 10. / Filipe Lins dos Santos.
(Editor) – João Pessoa: Periodicojs editora, 2023.

E-book: il. color.

E-book, no formato ePub e PDF.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-6010-038-1

1. Estudos interdisciplinares. 2. Ciências Humanas. I. Santos, Filipe Lins dos. II.
Título

CDD 001.3072

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciências Humanas: pesquisa 001.3072

Obra sem financiamento de órgão público ou privado

Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.

A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas da Coleção de livros Humanas em Perspectiva



**Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: @periodicojs



Capítulo 28

ESTATUTO DO INCONSCIENTE NA TEORIA FREUDIANA



ESTATUTO DO INCONSCIENTE NA TEORIA FREUDIANA

STATUS OF THE UNCONSCIOUS IN FREUDIAN THEORY

Valmir Nunes Costa¹

Resumo: Este é um artigo de revisão bibliográfica, e não foi feito a partir da clínica, pois não apresentamos aqui um material de análise de paciente/s; mas em torno de uma noção central dentro da Psicanálise, exposta por autores que consideramos comprometidos com a psicanálise. Essa noção é a de inconsciente. É, portanto, um trabalho teórico constituído a partir da leitura de obras de diversos autores que tratam direta ou indiretamente do tema. Tem como objetivos aprofundar a noção apontada através do cotejo das teorias dos diversos autores utilizados, assim como problematizar essas noções, visando contribuir com a discussão dessas teorias. Entre outros autores utilizados aqui, estão: Laplanche e Pontalis (2001); Roudinesco (2000); Neto (1988) e Freud (1982). Como hipótese, podemos afirmar que tais teorias trazem pontos problemáticos, os quais serão aqui apontados e discutidos.

Palavras chaves: Psicanálise. Inconsciente. Sujeito.

Abstract: This is a bibliographical review article, and it was not done from the clinic, as we do not present here a patient/s analysis material; but around a central notion within Psychoanalysis, expounded by authors we consider committed to psychoanalysis. This notion is that of the unconscious. It is, therefore, a theoretical work constituted from the reading of works by several authors who deal directly or indirectly with the theme. It aims to deepen the notion pointed out through the comparison of the theories of the various authors used, as well as to problematize these notions, aiming to contribute to the discussion of these theories. Among other authors used here are: Laplanche and Pontalis (2001);

¹ Doutor em linguística pela UFAL



Roudinesco (2000); Neto (1988) and Freud (1982). As a hypothesis, we can say that such theories bring problematic points, which will be pointed out and discussed here.

Keywords: Psychoanalysis. Unconscious. Subject.

INTRODUÇÃO

Apesar de nenhum artigo poder substituir a leitura dos clássicos, eles têm bons propósitos: discutir temas pontuais dentro de certas teorias, de comunicar avanços nos temas e difundir seus objetos de estudo. A psicanálise contempla a mente como um objeto de estudo sempre em movimento, principalmente a partir da segunda tópica de Freud, trazendo à tona as figuras do ego, do superego e do id. Sobre esta tópica, a partir de 1900 algo já começava a se esboçar; isso viria exatamente a ser esta segunda tópica.

O Inconsciente, nosso alvo de estudo aqui, faz parte da primeira tópica (consciente, pré-consciente e inconsciente), primeira estrutura da metapsicologia, criada a partir da obra *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900). O princípio soberano que governa os processos psíquicos é de obtenção de prazer (Kotzent, 2017). Aparecia na metapsicologia psicanalítica a noção de inconsciente atrelada às noções de subconsciente e consciente, tríade que constituía, na primeira tópica, o aparelho psíquico. O ego também é atravessado pelo inconsciente, assim como este contém parte do ego e do superego. Estruturalmente o inconsciente se opõe ao ego (TEORIA PSICOSSEXUAL, 2023). Segundo o mesmo documento (op. cit., pág. 03), “o termo inconsciente passa a ter dois sentidos: um mais descritivo, que confere uma qualidade específica a um estado mental; e outro, dinâmico, que atribui uma função a esse estado mental”. O recalçamento, diz este autor, “só está presente a partir da divisão entre sistema consciente/pré-consciente e sistema inconsciente”, ou seja, a partir da primeira tópica (p. 16). A instância inconsciente, no entanto, está para além do conteúdo recalçado (Freud, 1915).

Segundo se lê em TEORIA PSICOSSEXUAL (2023, p. 05),



O inconsciente é um princípio originário que, quando não consegue expressão ou satisfação de suas pulsões, forma o sintoma, [...] Nesse inconsciente está a fonte originária das pulsões, conceito de natureza quantitativa em que o somático (a libido) e o psíquico (as representações) se encontram. Segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 219), ‘os seus conteúdos [do id], expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, por um lado hereditários e inatos e, por outro, recalcados e adquiridos’.

O inconsciente é formado por desejos proibidos; só pode ser conhecido através de atos falhos, nos chistes no esquecimento e no silêncio. Uma ideia recalcada, ocupante do “lugar do inconsciente”, distorce-se e se externaliza através das formações inconscientes. Outros psicanalistas contemporâneos de Freud ou pós-freudianos, também contribuem com noções novas em torno da noção de inconsciente. Jacques Lacan, por exemplo, esclareceu que o inconsciente pode ser interpretado em termo de linguagem, e o sujeito seria efeito dessa linguagem; a lógica é sempre a do significante. O a mais na linguagem sempre denuncia esse inconsciente. Quando falamos, vamos além do que queremos dizer, incluindo aí a linguagem corporal. As leis que o compõem, adverte Lacan, são as leis do significante; as leis do discurso. A noção freudiana de inconsciente é um dos quatro conceitos fundamentais do resgate lacaniano da teoria freudiana, ao das noções de repetição, transferência e pulsão. Sobre esta noção de pulsão, o que ela busca é das Ding, o que ela recebe, no entanto é o objeto a (noção lacaniana), objeto causa do desejo; objeto faltoso.

O método utilizado na pesquisa deste tema, quanto aos procedimentos, e não quanto à abordagem, não poderia ser o comparativo, apesar de “cotejarmos” diversos autores que tratam do assunto, pois o nosso objeto de estudo é multifacetado e abstrato a tal ponto de tratarmos, na realidade, de facetas de um mesmo problema, e não exatamente de pontos divergentes. O que os autores trazem, enfim, são complementos de uma teoria que estamos distantes ainda de esgotar. Este tema-quebra-cabeça, no entanto, requer um approach para além do “cotejo”, e não requer, exatamente uma justaposição de conceitos a fim de compor um mosaico capaz de definir seu caráter. O método aqui tampouco é o método clínico, pois não analisamos diretamente os pacientes que possibilitaram os pesquisadores



diretos chegar à elaboração do conceito em pauta neste trabalho. Só para lembrar, a pesquisa que possibilitou este artigo foi uma pesquisa de revisão bibliográfica. Ainda assim sua importância é clara. As pesquisas em noções da psicanálise contribuem com a compreensão daquilo que determina comportamentos inconscientes.

Voltando à questão da abordagem, por delimitarmos bem o nosso objeto de estudos, dando ao seu approach uma direção vertical de aprofundamento, um dos métodos aqui empregados é o monográfico, não podendo aqui ser confundido aqui com a monografia acadêmica, que tem mais um sentido formal que de procedimento. Usamos acima o termo “um dos”, concordando com Gil (2008), que diz que o ideal é empregar métodos e não um método, visando a ampliar as possibilidades de análise, considerando que não há apenas uma forma capaz de abarcar toda complexidade das investigações. O próprio cotejo existe aqui, mas não enquanto método de comparação. A compreensão de necessidades psíquicas, sendo também alvo desta pesquisa, evoca o olhar funcionalista, que por muitos é tratado como método. A explicação do fenômeno neste espaço é dada a partir da noção de função.

Por incluir uma visão parcial dos teóricos referentemente à noção de inconsciente, e buscando na literatura diversas informações que ajudaram os autores a propor uma teoria do objeto, valendo-se às vezes de leituras nos originais em outras línguas, e dos estudos etimológicos, podemos dizer que o olhar hermenêutico também está presente.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

O ego (ich) não reina mais soberano na mente. Sobre quem reina ao lado dele ou mesmo sobre ele é uma questão que levantamos aqui. Grandes partes das ações humanas são coordenadas pelo inconsciente (Ics), uma esfera que o homem pouco conhece. Sobre se essa esfera é uma instância do próprio homem não resta dúvida de que sim. Praticamente todos os autores nos informam, mas é em Roudinesco (2000) que calcamos a informação sobre a primeira e a segunda tópica freudianas. Elas são instâncias ou lugares mentais de partes fragmentadas da nossa psiquê. Segundo a autora,



Freud não parou de reformular seus próprios conceitos. Não apenas modificou sua teoria da sexualidade em função de sua experiência clínica – com as mulheres em particular -, como também transformou de ponta a ponta sua doutrina, passando da primeira tópica (consciente, inconsciente, pré-consciente) para a segunda (eu, isso, superego) e, posteriormente, forjando a ideia da pulsão de morte (Roudinesco, 2000, p. 130).

A Pulsão de morte surge como o desejo primeiro da matéria orgânica viva que quer voltar ao estado natural anterior: morte. Thanatos e a pulsão de vida – Eros - é a guerra permanente entre essas duas vontades. De um lado a vontade de poder (*willezurmacht*) de outro a vontade de voltar ao inorgânico que originariamente era o estado natural da matéria viva.

Há para Laplanche e Pontalis (2001, p. 235) um sentido não tópico de inconsciente; adjetivo, não importa se pré-consciente ou inconsciente é o conjunto dos conteúdos afetivos não conscientes. Este seria um sentido “descritivo”.

Inconsciente designa também um termo tópico, ou seja, instância psíquica que se constitui de conteúdos recalçados. Para esse sistema foi negado acesso ao consciente e ao pré-consciente pelo mesmo mecanismo de recalque. Como sistema, o inconsciente se apresenta com as seguintes características (Laplanche & Pontalis, op. cit.): a) pulsões sendo representadas por conteúdos; b) conteúdos regidos pelos processos primários (condensação, deslocamentos etc.); c) conteúdos investidos de energia pulsional tentando regresso à consciência; d) conteúdos representantes de desejos infantis fixados no inconsciente.

Este conceito, o de inconsciente, perde o caráter eminentemente locativo na segunda tópica de Freud e torna-se mais propriamente dinâmico do que tópico. Aí funciona mais como um qualificativo e um pronome. Nessa tópica surge o superego na tríade ego, id e superego. Ao lado do primeiro, o superego é pré-consciente. O inconsciente equivaleria aqui ao id, força indomável, interna e desconhecida, classificada por Freud como sendo uma “organização” caótica.

Todas essas noções surgiram das experiências de tratamento de pacientes, mas sobretudo pela agudez, senso crítico e criativo de Freud, que não se limitou a constatar, mas também a regis-



trar, constituindo aos poucos o seu arcabouço teórico. Afirmam textualmente Laplanche & Pontalis (2001, p. 236) que “o psiquismo não é redutível ao consciente e que certos ‘conteúdos’ só se tornam acessíveis à consciência depois de superadas certas resistências”. Sendo assim, o inconsciente acaba agregando as duas características: a de lugar (topos) e a de dinâmica, com as pulsões sob pressão das energias libidinais, catexias ou investimentos.

O inconsciente já vinha sendo estudado por outros, e pelo menos por um dos contemporâneos de Freud, obviamente por poetas, dramaturgos, pintores e outros artistas (Kahn, 2013, p. 32). O que Freud fez, diz Kahn, foi

expandir enormemente o conhecimento dos conteúdos e das funções dos processos inconscientes e mostrar como esse conhecimento podia aumentar em muito o poder tanto do terapeuta, na ajuda prestada ao seu cliente, quanto o de todos nós, na compreensão da nossa vida psíquica e a da vida psíquica dos outros.

Os psicólogos anteriores a Freud consideravam que a consciência representava toda a vida psíquica. Mas a vida mental é dotada de episódios aos quais não se tem acesso verbal, pelo menos enquanto não se dispõe de escuta especializada, ou tratamento psicanalítico. Muito do que se passa conosco é simplesmente esquecido. De diversos modos, no entanto, aquilo que é representativo para nós é, de algum modo, lembrado. Talvez não do modo como gostaríamos, pois o inconsciente tem seus modos de sublimar, ou de externalizar um pensamento ou um desejo inconsciente que de outro modo “não poderia vir à tona”.

Para citar um desses psicólogos que antecederam Freud, e que é considerado o primeiro formulador de hipótese sobre o inconsciente na França, trazemos aqui Maine de Biran (1766 – 1824). Diz Ferreira (2000, p. 71) que a teoria dos estados afetivos não teria tido origem nos estados da consciência, mas sim da vida ela mesma. Os estados afetivos simples, segundo o autor, “seriam os sonhos, os estados hipnóticos, os movimentos inconscientes, todos estados reais que constituem a natureza irracional no homem” (Ferreira, 2000, p. 71).



O inconsciente se revela pelos “equivocos” e lapsos. São maneiras certas de se driblar o consciente e externalizar o desejo. O que para a sociedade pode parecer ilícito, imoral, antissocial, para as pulsões naturais e as construídas socialmente, mas recalcadas é natural, e sempre procura meios de se externalizar. A questão seria contrariar a sociedade. Mollon (2005, p. 6) cita o exemplo do Presidente do parlamentar austríaco que, ao abrir uma sessão, usou as seguintes palavras: percebo que há quorum e, portanto, declaro a sessão encerrada”. Pelo incoerência, podemos perceber que o desejo do autor da sentença não era o de abrir a sessão, mas de encerrá-la seja por que motivo fosse, apontando para um conteúdo inconsciente. Alusivamente à parapraxe do parlamentar, Mollon comenta: “é assim que o inconsciente fala – muitas vezes com embaraço, como se zombasse das nossas ilusões de percepção consciente e controle sobre os nossos desejos e intenções. A consciência pode surgir apenas como frágil bolha nas águas profundas da emoção, do desejo e do medo” (Mollon, 2005, p. 6-7).

Para alguns psicanalistas, como Lacan, o inconsciente é o discurso do Outro; melhor dizendo, o desejo do outro (Neto, 1988). No entanto, esta equivalência entre o discurso do Outro e o desejo do Outro é muito difícil de se compreender. Provavelmente para leitores leigos, e mesmo para muitos psicanalistas, essa equivalência não pode existir. Esse Outro é uma espécie de Grande Outro, passível de se desdobrar em inúmeros outros, como na relação entre gênero e espécie. Quanto ao gênero, o inconsciente é genérico, imemorial e não passível de se identificar no outro individual (sujeitos empíricos com quem um dado sujeito tenha convivido e assimilado valores e crenças; enfim, internalizado a lei, a cultura). Ele não se assimila simplesmente em espécie, mas é um composto de múltiplos, de ancestrais e de gerações contemporâneas. Esses outros, diz Neto mais adiante, são históricos e sempre designam fantasmas. Afirma Neto (op. cit., p. 18) que “[...] os antepassados, mesmo depois de mortos, permanecem como fantasmas inconscientes na vida das pessoas, a ditar normas de conduta e a produzir sintomas indecifráveis em si mesmos”. E, como definição de fantasma, cita:

Fantasia ou Fantasma: (...) Encenação imaginária em que o indivíduo está presente e que figura, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente (Laplanche e Pontalis, apud Neto, 1988, p. 19).



Lacan tem essa instância, a inconsciente, como sendo constituída de linguagem, “O inconsciente é estruturado como uma linguagem.” assim, formulou, como Freud, uma tópica, embora *mutatis mutandis*. Essa tópica, como nos informa Roudinesco (op. cit., p. 137), é a seguinte: simbólico, imaginário, real. Não vamos aqui abordar a teoria lacaniana, de todo modo o inconsciente, para ele, continua um *topus* inacessível ao eu, assim como em Freud.

A revelação do inconsciente foi o que Freud pretendeu quando mostrou que a consciência não era, na realidade, o lugar da verdade, como queria o *cogito, ergo sum*, de Descartes (penso, logo sou), mas o inconsciente. Lacan, retomando Freud, mas com suas palavras, afirma que, ao contrário da teoria cartesiana, o mais adequado seria o sujeito afirmar: “penso onde não sou, portanto, sou onde não me penso”, deixando clara a questão tópica do aparelho mental e o locus do inconsciente, lugar de constituição do sujeito. Lacan, no caso, denuncia a pretensa transparência do discurso subentendida no discurso cartesiano, assim como uma suposta homogeneidade do sujeito, que ocuparia, a partir de Freud, o lugar do desconhecimento (Garcia-Roza, 1998).

Freud não pretendia esclarecer o que muitos imaginam ser uma lógica do consciente e uma desordem do inconsciente. Pelo contrário, considerou ambas as instâncias contendo lógicas próprias. O seu desafio foi esclarecer a “lógica” do inconsciente.

Lacan, após Freud, também adentrou esta instância da psique tratando-a como uma linguagem, ou melhor, como significantes, aludindo-os claramente ao signo linguístico de Ferdinand de Saussure, para que o signo era composto de significante e significado, como as duas faces de uma mesma moeda. O código do inconsciente seria montado em termos de significantes, ou da letra. Seria estranho à consciência, pois esta espera a palavra de fora, do outro, sem perceber que ela já faz parte de si, já foi internalizada e se tornou lei. O prazer seria o elemento estruturador da instância da letra. Sobre isso, Leclaire (1968, p. 100) afirma que a dimensão do prazer é considerada primordial. Assim, segue afirmando:

Sem dúvida, podemos nos espantar com essa necessidade, aparentemente re-



gressiva, de enraizar assim o elemento “puramente formal” que é a letra em um movimento de prazer, e de invocar o “corpo erógeno” com a única finalidade, parece, de poder, em segundo tempo, dizer a letra abstraída do corpo.

Sobre esse inconsciente, estranho à consciência do próprio sujeito, diz Freud (1900/1982, p. 580)

é o psíquico propriamente real, tão desconhecido para nós, na sua natureza interna, quanto o real do mundo exterior, e dado a nós através dos dados da consciência de forma tão incompleta quanto o mundo exterior através do de-
poimento de nossos órgãos sensoriais.

Freud revelou que a vida psíquica é povoada de pensamentos eficientes embora inconscientes, de onde se originavam os sintomas. Freud localiza o inconsciente não como um lugar anatômico, mas um lugar psíquico, com conteúdo, mecanismos e uma energia específica.

É, no entanto, trabalho árduo revelar um pensamento que não se mostra conscientemente. Até mesmo a informação de que existe um pensamento inconsciente soa pretensioso. Mas a teoria freudiana se revela na ousadia que intui, e acaba por provar a existência desses lugares psíquicos que fogem à consciência.

CONCLUSÃO

A respeito do termo pesquisado por nós aqui, Laplanche e Pontalis, supracitados, não trazem em seu dicionário o verbete sujeito, apenas o termo inconsciente. É preciso saber, no entanto, que este termo só faz sentido se relacionado àquele. O inconsciente não é uma noção solta e descontextualizada, mas refere-se sempre a sujeitos empíricos afetados pela cultura e feito sujeitos pelas formações discursivas, ideológicas e sobretudo inconscientes. Sobre esta noção, trouxemos que há equivalência entre o discurso do Outro e o seu desejo, o do sujeito, que, para Neto, também supracitado, é muito difícil de se compreender. Provavelmente para leitores leigos, e mesmo para muitos psicanalistas, essa



equivalência não pode existir. Esse Outro é uma espécie de Grande Outro, passível de se desdobrar em inúmeros outros, como na relação entre gênero e espécie.

Com isso concluímos que nossos objetivos foram atingidos, ao abordar mais de perto essa noção de inconsciente, sempre referente a um sujeito afetado pela própria história em sociedade. Tendo este sido um artigo de revisão bibliográfica em torno da noção central dentro da Psicanálise: o inconsciente, damos por cumprida a tarefa, apenas mencionando, a título de acréscimo, que e o sujeito será sempre o dessa instância sempre polêmica e habitada pelos nossos desconhecidos, mas que explicam em grande parte, nosso funcionamento para além do nosso lado cultural. Se por um lado o inconsciente é por definição “incognoscível” (grifo nosso), como aponta Mollon, as hipóteses, levantadas a partir dos lapsos são sempre quem dá coerência a comportamentos psíquicos que por outro modo continuariam inconscientes. A psicanálise, portanto, é sempre um trabalho com indícios que nem sempre apontam para o correto fato ou a correta causa. Como ponto problemático, como dissemos, é trabalho árduo revelar um pensamento que não se mostra conscientemente. Até mesmo a informação de que existe um pensamento inconsciente soa pretensioso. Mas a teoria freudiana se revela na ousadia que intui, e acaba por provar a existência desses lugares psíquicos que fogem à consciência.

REFERÊNCIAS

Bastos, Rogério Lustosa. *Psicanálise e pesquisas: ciência? Arte? Contraciência?* 2. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

FERREIRA, May Guimarães. *Concepções de subjetividade em psicologia*. São Paulo: Pontes, 2000.

FREUD, Sigmund. *Die Traumdeutung*. Studienausgabe, vol. 2. Frankfurt: Fischer, 1982.

_____. O inconsciente. In *ESB*, vol. XIV, 1915. p. 183-233.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.



GAROZZO, Filippo. Os homens que mudaram a humanidade: Sigmund Freud. São Paulo: Editora Três, 2006.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KAHN, Michael. Freud básico: pensamentos psicanalíticos para o século XXI. 1ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.

KOTZENT, João Paulo. Mecanismos de defesa. São Paulo: APVP, 2017.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. Vocabulário de psicanálise. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LECLAIRE, Serge. Psicanalisar. São Paulo: Perspectiva, 1968.

MOLLON, Phil. Conceitos da psicanálise: o inconsciente. Rio de Janeiro: Segmento-Duetto, 2005.

NETO, Alfredo Naffah. O inconsciente: um estudo crítico. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

ROUDINESCO, Elisabeth. Por que a psicanálise? Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

TEORIA psicanalítica. In: <https://ava.faveni.edu.br/wp-content/uploads/2018/10/TEORIA-PSICANAL%C3%8DTICA.pdf>. Acessado em 30/05/2019.

TEORIA PSICOSSEXUAL do desenvolvimento infantil. Bacharelado em Psicanálise. Curitiba: UNINTER, 2023.



